

ESTAMOS AQUI: intervenções urbanas como forma de apropriação do espaço urbano da mulher e da população lgbtq+

Francielle Martins Silveira¹
Rafaela Cecconi²
Artur Devasac³
Leonardo Lourenco⁴

Este é um relato sobre uma ação extensionista realizada por estudantes de arquitetura para a disciplina de extensão universidade e sociedade. O trabalho teve como princípio básico as relações de gênero, sexualidade e questionamentos sobre o lugar e a representatividade de mulheres e LGBTQ+ no espaço urbano.

Acreditamos, como mulheres, que esses espaços não nos trazem a sensação de pertencimento à sociedade e não nos asseguram a plenitude dos seus usos por consequência de inúmeros fatores, como por exemplo - e principalmente - o assédio e a violência. Essa inquietação nos levou a ideia de uma intervenção urbana que tivesse a participação de mulheres e LGBTQ+ de fora da universidade e que chamasse atenção das pessoas ao caminhar pelas ruas da cidade, informando com dados obtidos por fontes oficiais sobre violência contra mulheres e LGBTQ+ para que o assunto trouxesse questionamentos de como os espaços urbanos de uso público podem contribuir para a exclusão desse recorte da sociedade.

Para a escolha dos lugares onde seriam realizadas as intervenções, consultamos as mulheres que fazem uso do espaço urbano da cidade cotidianamente, perguntando se sofreram assédio ou violência pelo simples fato de utilizarem esse espaço urbano e também perguntamos lugares onde esse assédio e violência ocorre com mais frequência. Coletamos os dados e fomos para as ruas realizar a intervenção urbana por meio da colagem de lambs e adesivos informativos nas calçadas e paredes dos lugares onde as mulheres se sentem mais assediadas e violentadas.

Não éramos muitas, mas fizemos o suficiente para alcançar o objetivo dessa ação - questionar, debater, pensar, refletir. Passamos por momentos de intimidação, de medo e insegurança de estarmos sendo observadas e julgadas, passamos por horas de apoio e reconhecimento por parte de pessoas que ali paravam para se informar sobre a causa, e também passamos por um momento de total repressão pelo machismo. Foi uma experiência muito importante para que o resultado fosse alcançado por nós, porque ali estávamos todas unidas, falando juntas e não permitindo que nossa voz fosse ignorada como houve a tentativa por parte do sujeito autoritário e violento que se colocava contra nós. E conseguimos sair dessa situação com a plenitude de quem não se cala para o machismo e de quem vai continuar “incomodando” e lutando para que sejamos mais ouvidas e que possamos dialogar de forma igualitária nas tomadas de decisões públicas, e assim, influenciar um melhor futuro para a comunidade.

1 Graduada em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas.

2 Graduada em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas.

3 Graduando em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas.

4 Graduando em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas.



O envolvimento da comunidade lado a lado com a academia nas atividades propostas tornou possível promover e dialogar a igualdade de gêneros de forma acessível para todos os públicos, compreendendo que a educação e o diálogo com a participação de mais atores são fundamentais para a construção coletiva de uma sociedade mais igualitária, destacando e difundindo lutas, trabalhos, sobrevivências, vivências e resistências desses grupos e todas as implicações no contexto atual.

